



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

A CONCEPÇÃO SOBRE OS POVOS INDÍGENAS DE ALUNOS DO ENSINO

MÉDIO: analisando diversos olhares

Dayane Silva Nascimento – UEMASUL - Dayane_angel23@outlook.com

Julliana Silva Enes Carvalho – UEMASUL – jullianaenes@hotmail.com

Leandro Conceição dos Anjos – UEMASUL – Leandro.dosanjos.22@outlook.com

História e Cultura Indígena: Dr^a Ilma Maria de Oliveira Silva

RESUMO

O presente trabalho pretende analisar os diversos olhares dos alunos do terceiro ano da rede pública estadual de Imperatriz Maranhão sobre os povos indígenas. Nesse contexto, o trabalho fundamentou-se nas seguintes questões norteadoras: Registrar a concepção dos pesquisadores acerca dos povos indígenas construídas no decorrer da educação básica, uma vez que, durante esta modalidade de ensino, pouco se ouve falar sobre os povos indígenas, normalmente, se dá uma pequena ênfase no “dia do índio”. Averiguar a percepção que os livros didáticos do ensino médio trazem sobre a cultura indígena, visto que nos mesmos foi observado pouco conteúdo que abordasse a cultura e diversidade indígena, já que ao analisar o livro didático é visível que ele não foge da história contada sobre os grandes heróis e grandes feitos, e não fala da luta das minorias que construíram e lutaram pela sociedade. Analisar a visão dos alunos do ensino médio acerca dos povos indígenas, que segundo o questionário aplicado aos alunos, percebeu-se que os alunos possuíam pouco conhecimento acerca dos povos e da cultura indígena. Para chegar às conclusões sobre a temática, utilizou-se a pesquisa bibliográfica como metodologia empregada, pois fez-se necessária no percurso da construção do artigo. A partir da pesquisa bibliográfica, perpetuou-se a necessidade de abordar a análise da percepção que os alunos do ensino médio da rede pública estadual de Imperatriz trazem acerca dos conhecimentos sobre os povos indígenas. As conclusões mostraram que ainda que seja pouco trabalhado nas escolas a cultura indígena, os acadêmicos se interessam em conhecer um pouco mais sobre a cultura destes povos e cabe a equipe escolar, se empenhar mais no exercício de movimentos culturais que abordem e ensinem os jovens alunos a compreender e respeitar a diversidade cultural que tanto estes povos, quanto qualquer outro trazem em seu dia a dia. Autores como: Berta Ribeiro e Manuela Carneiro da Cunha subsidiaram a seguinte análise.

Palavras-chave: Povos indígenas. Ensino médio. Livro didático.

1 INTRODUÇÃO

A cultura dos povos indígenas precisa ser mais valorizada, uma vez que estes povos fazem parte da formação do povo brasileiro. Visto que a sociedade brasileira é composta por seres humanos híbridos, mestiços onde se encontra a essência do “negro”, do “branco”, do



XII

ENCONTRO
MARANHENSE DE
HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO

*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

“português” e também do “índio” e para que isso ocorra é necessário que se dê a devida importância e instrução sobre a cultura desses povos, conforme apresenta Laraia (2001, p.17) “Qualquer criança humana pode ser educada em qualquer cultura, se for colocada desde o início em situação conveniente de aprendizado”.

Portanto, se uma criança for estimulada desde sua infância a conhecer e compreender uma cultura além da que rege o meio em que vive, ela vai aprender desde cedo a entender e respeitar não só sua manifestação cultural, mas também, aqueles que lhe forem apresentadas, como afirma Laraia (2001, p.45) “O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. [...] A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções”.

É perceptível nos anos iniciais do Ensino Fundamental, a pouca relevância dada em busca do conhecimento e valorização da cultura indígena, uma vez que só é reservada uma data em específico para falar destes povos que é no dia 19 de abril, único dia reservado para dar ênfase ao conhecimento sobre estes povos, e se torna ainda pior no Ensino Médio, onde esta data que não basta para falar de toda a rica cultura dos indígenas, acaba sendo esquecida.

Talvez, se fosse dada a devida credibilidade à cultura dos povos indígenas, estes povos fossem mais compreendidos e respeitados, uma vez que é preciso conhece-los para poder respeitá-los, pois aquilo que não se conhece normalmente é visto com um certo pré-conceito, como afirma Laraia (2001, p. 87):

Todo sistema cultural tem a sua própria lógica e não passa de um ato primário de etnocentrismo tentar transferir a lógica de um sistema para outro. Infelizmente, a tendência mais comum é de considerar lógico apenas o próprio sistema e atribuir aos demais um alto grau de irracionalismo.

Diante deste descaso em específico com a cultura dos povos indígenas, surgiu a motivação em abordar essa temática, uma vez que a disciplina de História e Cultura Indígena proporcionou aos pesquisadores a oportunidade de se aprofundar na temática e observar equívocos com relação ao estudo dos indígenas, equívocos esse que perpassam anos e anos sendo reproduzidos na Educação Infantil com a comemoração do dia do índio, como se o mesmo só precisasse ser dado ênfase em um único dia do ano.

Ainda foi objeto deste trabalho, analisar a nossa concepção sobre os povos indígenas construída na educação básica; analisar a visão que alunos do Ensino Médio de uma escola de



XII

ENCONTRO
MARANHENSE DE
HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO

*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

rede pública de ensino trazem acerca dos povos indígenas; bem como averiguar os resquícios que os livros didáticos destes alunos trazem sobre a cultura indígena.

2 CONCEPÇÃO SOBRE OS POVOS INDÍGENAS CONTRUÍDA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Durante o processo de escolarização na educação básica, pouco se ouve falar sobre os povos indígenas, normalmente, se dá uma pequena ênfase no dia do índio, onde ocorre um grande equívoco, ou seja, generaliza-se por meio da nomenclatura “índio”. Isso acontece por falta de conhecimento da distinção de cada povo, como afirma Hofmann (2008, p.74): “Estes povos, nomeados indígenas, possuem línguas, costumes universo mitológico e espiritual distintos entre si”.

Aprende-se na escola, e isso ainda é comum na escola, que os indígenas receberam os europeus de braços abertos, sem nenhuma resistência e se deixaram ser reeducados pelas companhias religiosas. Estas, julgavam os povos indígenas como selvagens primitivos, sem cultura, que precisavam aprender a cultura ocidental, língua, costumes e modo de agir em sociedade, em outras palavras era preciso catequiza-los. Como afirma Hofmann (2008, p.77): “[...]a fim de capturar sua alma para a fé cristã. O primeiro passo é capturar seu pensamento [...], tornando-o homogêneo e vulnerável ao pensamento que se pretende dominante”

Já dentro da academia, pôde-se conhecer mais a fundo a história que envolvia a catequização dos povos indígenas, e foi possível notar, que essa passividade por parte dos indígenas, mostrada nas histórias que são contadas erroneamente, não ocorre exatamente assim, uma vez que os índios mais velhos, não se permitiam que fosse imposta uma cultura acima da sua, e a artimanha utilizada pelas companhias religiosas, foi a de catequisar as crianças indígenas para que as mesmas levassem esse conhecimento aos seus pais, fazendo com que os indígenas fossem aos poucos sua identidade, como afirma Carlucci (2010, p. 43):

O problema é que o indígena, na realidade, deixava de ser indígena quando passava, ou até mesmo passa, por um processo de aculturação, que, de maneira imposta, faz com que abandone todas as suas crenças e as substitua por outras. Além disso, as missões religiosas lucraram muitas vezes com a utilização do trabalho dos indígenas, o que também pode gerar uma série de questionamento de ordem moral e ética. Preservou-se a vida, entretanto assassinou-se a cultura dessas populações.



XII

ENCONTRO
MARANHENSE DE
HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO

*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

São anos na escola ouvindo sobre o dia do “índio”, que é comemorado no dia 19 de abril, e sempre com a emblemática música da Xuxa “brincar de índio”, na qual generaliza os povos indígenas como se eles fossem todos iguais, esquecendo que eles são povos diferentes entre si, cultura diferente, línguas diferentes, leis específicas de cada povo, como afirma Bergamaschi (2008, p. 73):

Este enfoque não consegue reconhecer e respeitar a construção histórica e étnica de cada nação indígena, bem como sua contribuição tecnológica e educativa no manejo da natureza e no seu pensamento reflexivo frente ao mundo, desconsiderando sua existência milenar. Estes povos, nomeados indígenas, possuem línguas, costumes, universo mitológico e espiritual distintos entre si.

Como fica evidente na fala anteriormente citada, repete-se, no espaço que deveria ser problematizado, o pensamento do colonizador. Segundo Hofmann (2008, p.73): “Ainda hoje, nós, brasileiros, pronunciamos “aquela invenção de mundo”, sem nos darmos conta da existência de outros mundos culturais e cosmológicos que coexistem bem próximos a nós, no planeta inteiro”.

Difícil, seria imaginar a sociedade brasileira, sem a contribuição trazida por estes povos, como por exemplo no cultivo e manejo da natureza, isso sem mencionar a quantidade de palavras que compõem o vocabulário português falado no Brasil que foram herdadas do linguajar indígena, e ainda se tratando do manejo da natureza, pode-se dizer que os povos indígenas ainda enfrentam ameaças, provocadas pelas políticas capitalistas de agronegócio, como cita Heck (2012, p. 42):

Os povos indígenas continuam ameaçados em sua existência física e espiritual; em seus modos de vida; em suas identidades; em sua diversidade; em seus territórios e em sua história. O modelo de desenvolvimento regido pelas leis de mercado capitalista pós-neoliberal, que tem no agronegócio uma de suas bases de sustentação, produz contra esses povos uma violência estrutural, que atenta permanentemente contra seus projetos de vida.

Mas a desvalorização destes povos, não se deu nos dias atuais, ela remonta ao período da chegada dos colonos as terras ocupadas pelos indígenas. Pois a corte portuguesa, o império, não reconhecia estes povos como detentores de direitos, como afirma Bergamaschi (2008, p. 76):

As políticas do império não reconheciam as nações indígenas como portadoras de direitos, perseguindo-as, escravizando-as, estimulando caçadas e assassinatos, e condescendo com intervenções educativas das mais variadas confissões religiosas que constituíram as primeiras escolas entre os índios.



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*
21 a 24 de maio | 2019
*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

Essa invenção de “mundo ideal”, de sociedade sem mestiçagem, contribuiu muito para o extermínio de muitos povos indígenas, realidade esta que não estava presente nos conteúdos abordados na educação básica. Nada se ouviu falar sobre as políticas de extermínio, mas Ferreira (2000, p.26) nos mostra um pouco dessa realidade:

Sabemos que o ideal de “branqueamento” e as políticas de extermínio de índios contemplou esse modelo civilizatório de integração nacional absoluta, apresentada por meio de um código racista. Países com maioria de população branca podiam partir para uma política agressiva de isolamento étnico como solução para sua unidade nacional.

Diante desta realidade, nota-se a importância de se trabalhar a valorização cultural de diversos povos, para evitar este tipo de realidade preconceituosa que acaba prejudicando uma parte da população que é inferiorizada por ter uma cultura diferente da ensinada para uma parte da sociedade brasileira atual. Como bem exemplifica Laraia, (2001, p.101):

[...] cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema. Este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo novo do porvir.

Voltando a mencionar o livro didático, o mesmo expõe uma visão bastante errônea da realidade, reforçando os equívocos a respeito desses povos. Percebe-se, então que o livro transmite uma visão positivista, onde a maioria das informações são descritas por um não indígena, que de certa forma os expõe como povos inferiores, como cita Fernandes (1990, p. 15):

Para alguns, o índio é selvagem, cruel, traiçoeiro. Para outros, ele é um ser puro, impregnado da inocência das crianças. Os que acreditam na sua pureza idealizam-no, enquanto os que acreditam na selvageria os temem índios. Em ambos os casos, a imagem construída a respeito dos povos indígenas é baseada em estereótipos, ou seja, ideias falsas que igualam e colocam sob um mesmo rótulo um sem número de situações diversas.

Esses relatos nos fazem pensar que a história do Brasil apenas começou a ser escrita a partir da chegada dos portugueses, por isso, a única história que se conhece a respeito dos povos indígenas é essa, com uma visão distorcida em torno desses povos, a visão oferecida pelos colonos, como cita Cunha (2012, p. 08):



Ao chegarem às costas brasileiras, os navegadores pensaram que haviam atingido o paraíso terreal: uma região de eterna primavera, onde se vivia comumente por mais de cem anos perpétua inocência. Deste paraíso assim descoberto, os portugueses eram o novo Adão.

3 VISÃO DOS ALUNOS DE ENSINO MÉDIO ACERCA DOS POVOS INDÍGENA

A pesquisa foi realizada com alunos do terceiro ano do Ensino Médio de uma escola Estadual da cidade de Imperatriz – MA. Utilizou-se como instrumento de coleta de dados um roteiro para entrevista previamente elaborado.

Foi questionado aos alunos, o que eles sabem sobre os povos indígenas brasileiros? a maioria dos alunos, responderam que não possuíam conhecimento algum acerca dos povos indígenas. O que caracteriza um prejuízo muito grande quando se trata da valorização dos costumes e cultura destes povos.

Um dos entrevistados, disse que os indígenas: “São povos que se diferenciam pelos seus costumes e cultura. São os verdadeiros donos das terras brasileiras, mas que hoje já não são bem vistos”. Em sua fala percebe-se um conhecimento básico sobre os povos indígenas. O mesmo, diz ter vontade de conhecer uma aldeia indígena, conhecer seus costumes, sua cultura e seu modo de ser dentro da sua sociedade.

Questionou-se ainda, sobre se eles, alunos do Ensino Médio, conseguem perceber alguma influência no seu dia a dia da cultura indígena. Por unanimidade, os alunos responderam que não conseguem perceber a influência dessa cultura em seu dia a dia. Porém, um dos entrevistados, disse que vê a influência nas “Pinturas corporais, tatuagens, comidas e tradições”, diante da fala dos alunos, torna-se importante citar a fala de Berta Ribeiro (2009, p.104):

Além desses elementos o caboclo identificará vários outros, como a rede de dormir, os bancos, o fumo. Verificará que são comuns a índios e caboclos certos hábitos como o de tomar banho no rio, andar descalço, descansar de cócoras. [...] desse modo, índios e interioranos encontram formas de entendimento que vêm do início de nossa formação.

Além destas influências, foi questionado acerca da comemoração do dia do índio, pois, na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, ainda existe uma preparação, da qual envolve imitações de rituais, festas, comidas e vestuários que lembram a cultura indígena. Porém quando estes alunos, adentram o Ensino Médio, o dia do índio passa a ser esquecido, tanto pelos acadêmicos, quanto pelo corpo docente.



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*
21 a 24 de maio | 2019
Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil

Perguntou-se, o que precisa melhorar, para que a história desses povos seja mais valorizada?

Melhorar a imagem do índio. Tirar a ideia de agressividade (Aluno A);
Além do dia do índio, pode-se colocar ou expor sobre os povos indígenas nas redes sociais e na mídia (Aluno B);
Para de ver o índio como uma pessoa sem valor e sem conhecimento (Aluno C);
A valorização no nosso cotidiano, palestras e a comemoração do dia do índio (Aluno D).

Diante das respostas dadas pelos alunos, fica perceptível que os alunos, mesmo sem possuir um conhecimento amplo com relação à cultura indígena, se preocupam com a sua valorização. Os mesmos percebem a necessidade de valorizar a cultura e a vivência desses povos, que perpassa gerações e não recebe o devido valor.

Em relação aos povos indígenas, nem mesmo os pífios recursos orçamentários (previstos para assistência em saúde, educação, saneamento, prevenção de doenças, demarcação de terras, entre outras ações) têm sido executados na sua totalidade, demonstrando assim que a vida destas populações não é tida como prioritária. [...] Assim, os povos indígenas e seus direitos específicos são vistos como inúteis, inadaptáveis, indesejáveis e socialmente desnecessários Heck (2012, p. 22).

Após ser aplicado este questionário, constatamos que muito precisa ser melhorado no que diz respeito à valorização destes povos, pois em análise às respostas dadas pelos alunos, foi possível perceber o quão escasso é o conhecimento destes alunos acerca do indígena. E é dentro do ambiente escolar que deve ser tomada as primeiras medidas de valorização da vida do indígena, pois, para que haja a devida valorização é preciso antes de tudo, conhecer mais da história e cultura desse povo, visto que só se valoriza e respeita aquilo que se conhece.

4 AVERIGUAR OS RESQUÍCIOS QUE O LIVRO DIDÁTICO DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO TRAZ SOBRE A CULTURA INDÍGENA

O livro didático, é uma das ferramentas que auxilia o professor e o aluno na construção do conhecimento. Este instrumento, traz textos e imagens que possibilitam várias interpretações, conceitos e ideias. Ao analisar o livro de História do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) 2018, história em debate de Renata Mocelin e Rosiane de Camargo, adquirido por uma escola da rede Estadual de Ensino, ficou perceptível a falta de conteúdo que aborda a história e cultura dos povos indígenas, aumentando assim a desvalorização da cultura desse povo.



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

Ao analisar o livro didático, também fica visível, que ele não foge da história contada pelo não indígena sobre os grandes heróis e grandes feitos, e não aborda, a luta das minorias que fizeram e fazem parte da construção da sociedade e do povo brasileiro, que sofreram com a política de extermínio e que ainda sofrem, na luta para ter os seus direitos respeitados como bem cita Carlucci (2010, p.59):

Grande parte dos índios só gozam da possibilidade da preservação de sua cultura, ou ao menos parte dela, devido à existência de reservas indígenas que impedem legalmente a expansão e a apropriação sobre esses territórios. O problema é que um número expressivo de indígenas ainda aguardam a regulamentação de suas terras; outros não tem nem mesmo esta expectativa, pois não há qualquer tipo de mobilização ou atuação nesse sentido. Determinados grupos estão reduzidos a uns poucos indivíduos, o que torna a ação e a mobilização ainda mais difícil.

Ainda refletindo sobre o estudo do livro didático do Ensino Médio, percebe-se que este instrumento de conhecimento, fala dos povos indígenas somente a partir da chegada dos portugueses, e pouco fala sobre a cultura, sobre os diferentes povos indígenas. Dentro do livro pode-se perceber que não há muito aprofundamento, segundo Mocelin e Camargo (2018, p.38):

[...] europeus foram se organizando e tomando posse de terras que já eram habitadas por comunidades com raízes culturais há muito definidas. Esses povos estavam distribuídos por diferentes pontos do continente e organizavam-se em sociedades com características próprias, muitas delas altamente complexas, causando admiração aos recém-chegados.

Ficou perceptível na representação do livro didático analisado, que o pouco que aborda sobre os povos indígenas é muito superficial e fala dos mesmos como pessoas pacíficas, que receberam os colonos dispostos a viver o processo de troca de culturas, na visão do colonizador, são postos como seres selvagens e sem cultura, esta representação abordada no livro dos alunos do Ensino Médio, apenas reforça a visão negativa do indígena e coloca o colonizador como os heróis responsáveis pelo desenvolvimento das terras brasileiras.

Após a análise feita, notou-se que a desvalorização da cultura indígena, remonta a muitos anos, e a falta de interesse e aprofundamento mostrada nos livros didáticos, apenas reforça os estereótipos negativos e preconceituosos sobre estes povos. Portanto, cabe as instituições escolares, reforçar com palestras e manifestações culturais a história destes povos, para assim, poder gerar mais valorização por parte da população que não conhece e consequentemente não compreende estes povos.



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

5 CONCLUSÃO

Diante da pesquisa bibliográfica e do roteiro para entrevista previamente elaborado e aplicado aos alunos do Ensino Médio, ficou perceptível a falta de aprofundamento sobre a cultura e vida dos povos indígenas. Ficou visível, tanto na fala dos alunos, quanto no conteúdo didático apresentado nos livros, a negligência, quanto à exposição e aprofundamento no que diz respeito à cultura destes povos.

Entretanto, faz-se necessário salientar, dentro e fora do ambiente escolar a necessidade de se estudar a diversidade étnica e cultural presente na sociedade brasileira, este aprofundamento, além de contribuir para o desenvolvimento educacional, auxilia bastante na busca pela diminuição do preconceito tão enraizado na sociedade, pois este aprofundamento permite entender que diversidade cultural existe e está em constante modificação, nada é igual e único dentro de uma sociedade, uma vez que o ser humano está em constante desenvolvimento.

E dentro das comunidades indígenas não é diferente esta realidade, cada tribo possui seus costumes valores, espiritualidade que divergem entre si e carece que o ser humano busque este entendimento para que num futuro não muito distante possa aprender a conviver e respeitar as diferenças ultrapassando os estereótipos enraizados na sociedade brasileira a tantos anos. Carlucci (2010, p. 56, 57) cita isso muito bem:

São muitas as realidades vivenciadas pelas diferentes comunidades indígenas do Brasil na atualidade. O passado das tribos, sua cultura, a localização geográfica em que se encontram, a eficiência ou não das políticas públicas quando existentes, entre outros fatores, são determinantes na sua condição contemporânea. Não conseguiremos nem desejamos, com este trabalho, determinar uma única imagem, visão ou do indígena no mundo atual, ou até mesmo em sua formação histórica. Já verificamos o quanto os estereótipos foram cruéis e custaram caro aos indígenas brasileiros, e muitos destes ainda resistem em diferentes segmentos da sociedade. Contribuir para a superação de alguns estereótipos é sim uma intenção deste trabalho.

Portanto, como nas palavras da autora mencionada acima, vencer estes estereótipos carregados pela sociedade, é sim um caminho viável para a desconstrução de um pensamento errôneo e preconceituoso acerca da diversidade cultural existente na sociedade brasileira.



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

ABSTRACT

The present work intends to analyze the different views of the students of the third year of the state public network of Imperatriz Maranhão on the indigenous peoples. In this context, the work was based on the following guiding questions: To register the conception of the researchers about the indigenous peoples constructed during the basic education, since during this modality of teaching, little is heard speak about the indigenous people, there is little emphasis on "Indian day". To verify the perception that high school textbooks bring about the indigenous culture, since in the same was observed little content that approached the indigenous culture and diversity, since in analyzing the textbook it is visible that it does not escape the story told about the great heroes and great achievements, and does not speak of the struggle of minorities who have built and fought for society. To analyze the vision of the high school students about indigenous peoples, according to the questionnaire applied to the students, it was noticed that the students had little knowledge about the indigenous peoples and culture. In order to arrive at the conclusions on the subject, the bibliographical research was used as methodology used, because it was necessary in the course of the construction of the article. From the bibliographic research, the need to address the analysis of the perception that the students of the high school of the state public network of Imperatriz brings about the knowledge about the indigenous peoples perpetuated. The conclusions showed that although the indigenous culture is little worked in the schools, the academics are interested in knowing a little more about the culture of these people and it is up to the school team, to engage more in the exercise of cultural movements that approach and teach the young students to understand and respect the cultural diversity that these people, as any other bring in their day to day. Authors such as: Berta Ribeiro and Manuela Carneiro da Cunha subsidized the following analysis.

Keywords: Indigenous peoples. High school. Textbook

REFERÊNCIAS

CARLUCCI, Samanta M.; CRUZ, Cecília C. N. da; TOLOMIO, Cristiano. **Diversidade Étnica: história e cultura indígena brasileira – Fundamental II.** São Paulo: Editora Didática Suplegraf, 2010.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Índios no Brasil: história direitos e cidadania.** 1º ed. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

FERNANDES, Joana. **O índio: esse nosso desconhecido.** Cuiabá: EdUFMT, 1993.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História oral: desafios para o século XXI.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000.



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

HECK, Dionísio Egon; SILVA, Renato Santana da; FEITOSA, Saulo Ferreira (organizadores). **Povos indígenas**: aqueles que devem viver – Manifesto contra os decretos de extermínio. Brasília: Cimi – Conselho Indigenista Missionário, 2012.

HOFMANN, Angela Ariadne. **O mundo além da “terra à vista”**: o lado de cá do Oceano Atlântico é outra história. BERGAMASCHI, Maria Aparecida et al (Org). Povos Indígenas e Educação. 2º ed. São Paulo: Mediação, 2008.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 14º ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.

MOCELIN, Renato. CAMARGO, Rosiane. História em debate. São Paulo: Editora do Brasil, 2016.

RIBEIRO, Berta. O índio no Brasil. São Paulo: Global, 2009.